

Roger Casement: O último mártir irlandês se gestou na Amazônia.

Freddy Orlando Espinoza Cárdenas.

Cita:

Freddy Orlando Espinoza Cárdenas (2019). *Roger Casement: O último mártir irlandês se gestou na Amazônia. XXXII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Lima.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-030/577>



Roger Casement: O último mártir irlandês se gestou na Amazônia

Freddy Orlando Espinoza Cárdenas¹



Una vida consumida cometiendo errores no es apenas más honrosa, pero más útil que una vida no haciendonada. George Bernard Shaw Dublin 1856 - Ayot St. Lawrence 1950

Na quinta-feira do dia 3 de agosto 1916, aos 51 anos, foi enforcado Roger David Casement. Seu corpo foi enterrado em cal viva no cemitério da prisão Pentonville de Londres. Ele não morreu como um herói nacional, senão como um traidor do regime colonialista inglês. Em Irlanda, seu país natal, não foi reconhecido como um herói excepcional, cheio de bravura e coragem, mas como um idealista melancólico e, agora, moralmente fracassado. Contudo, a percepção que ele tinha de si mesmo era de um herói celta que morria pela sua pátria irlandesa. Todavia, ele tinha consciência de que sua ação era em prol da justiça democrática, no sentido de liberação da autonomia republicana do povo da Irlanda e, sobretudo, do amor inarredável à pátria irlandesa. Porém, achamos que este sentimento teria aparecido, com força, no seu périplo pela Amazônia, entre Belém, Manaós, Remate de Males, Iquitos, Putumayo, La Chorrera e El Encanto, entre junho a dezembro de 1910, após 7 anos de sua experiência no Congo.

Depois de um longo tempo de meditação e de reflexão sobre o relatório dos crimes do Rei Leopoldo na África, a sociedade londrinense apoiava seu trabalho e idealismo pelos direitos dos pobres negros do Congo. Além disso, a fundação de ligas, associações e instituições também lutavam em defesa das populações de escravidão dos povos da África. Mas, era uma época de grandes mudanças sociais, de tecnologia e de cultura, ao ponto de explodir a 1ª Guerra Mundial.



Roger Casement começou seu serviço no corpo diplomático, British Foreign Office, na era vitoriana, finais do século XIX, numa época que o império inglês dominava o mundo, a tradição, os costumes, a ética e a moralidade que estavam representados na sociedade britânica. Entretanto, com o fim do reinado da rainha Vitória, começa a desmoronar e questionar-se a luz da ciência e do etnocentrismo toda essa falsidade moral do colonialismo inglês, que deixava passar fome as suas colônias mais próximas e antigas da Inglaterra, como era no caso da Irlanda, que sofria uma mortalidade infantil que, nessa época, sobre passava 50% da população, sobretudo no interior da Irlanda. Com uma economia primária de dependência e sem liberdade para sustentar-se independente da metrópole de Londres, Roger Casement, em suas cartas e relatórios da época quando era cônsul inglês no Brasil, relata exemplos desse mesmo flagelo de vivência na maioria das nações latino-americanas. No entanto, não devemos esquecer que o juízo que ele faz sobre o colonialismo é desde o ponto de vista de um irlandês que trabalha para o império inglês, mas que raciocina com o espírito de um servidor diplomático de uma nação poderosa com era Inglaterra.

Roger Casement era consciente que sua postura radical pela causa irlandesa seria um suicídio para sua reputação na sociedade londrinense, que tanto prestígio tinha até esse momento. Seria uma estupidez pensar que Casement ignorava esta fama e reputação que tinha na Europa do século XX. No entanto, ele praticamente menosprezou esta estima a qual tinha entre seus amigos e meios de comunicação, sobretudo em Londres. Praticamente, não lhe importava as consequências que implicava esta ação temerária. Seu espírito estava imbuído, em grau sumo, pelo ideal da libertação de Irlanda. Sem que nunca tenha, até esse momento, lutado ativamente pela causa irlandesa, Roger Casement lutou pela Irlanda com plena consciência de seu sacrifício que entregava a seu país de origem, até esse momento, tinha vivido a maior parte de sua vida mais na Inglaterra do que na Irlanda. A partir disso, era mais importante os seus compatriotas irlandeses que seus amigos de longa data britânicos. Mas, ao final, todos os abandonaram, inclusive seus compatriotas irlandeses. Apesar desse acontecimento, ele se manteve incólume e sereno até na hora da sua morte.

Nossa pergunta é o que o levou a esta determinação de, nos últimos anos da sua vida, lutar por uma causa nacionalista, política e religiosa? Será que nesses tempos em que passou no Congo e no Putumayo tenha feito desviar as injustiças, a corrupção, a violência e, sobretudo a impotência de ver, registrar e denunciar estes horrores da civilização capitalista sem que os povos miseráveis se livrassem dos seus carrascos?



Devemos recordar que somente a sociedade londrinense lhe deu as costas a Roger Casement quando a *Scotland Year* divulgou o *Diary Black*. Até esse momento, o cônsul havia tido uma vida passível e sem grandes emoções. Ele levava uma vida monástica sem grandes pretensões. Nunca soubemos se Casement sofria de alguma doença crônica, apesar de anunciar em suas cartas, de vez em quando, alguns sintomas de doenças tropicais, mas não sabemos se sofria de estafa ou atormentado pela dúvida, o desânimo e pela própria vida. No entanto, Roger Casement sempre se mostrou disposto e garboso nas fotos, dinâmico e atleta na sua postura.

Pouco sabemos da sua meninice, mas é provável que tenha sido sempre uma criança obediente e pulcra, é assim que ele começa sua vida como agente de empresa colonialistas na África, mas como é que ele, através de seus relatórios diplomáticos, consegue denunciar opressões e torturas pelo sistema capitalista europeu? Saber como Roger Casement passou a ser crítico de um sistema de escravidão em tempos modernos, é essencial para compreender essa passagem de um fleumático agente consular para um ativista da causa irlandesa.

Acreditamos que foi na Amazônia, no ano de 1910, na sua primeira viagem pela região amazônica, quando tinha 45 anos, Roger Casement viajou até o Putumayo, na sede da empresa britânica “Casa Arana” onde presenciou o sistema de escravidão do capitalismo selvagem, muito semelhante ao sistema feudal inglês, no século XI depois de Cristo, que aplicava com rigor à Irlanda de seus antepassados. Primeiro, a empresa inglesa proclama que toda essa região do Putumayo lhe pertencia por direito (a qual tinham adquirido através da associação com os colombianos Benjamín Larrañaga e Rafael Reyes que, no futuro, entre 1904 y 1909, seria presidente da Colômbia). Desta forma, todo o território e seus habitantes que a ocupavam, lhe pertencia e lhes deviam tributo. Por conseguinte, os indígenas de várias etnias e pequenos camponeses colombianos passaram a ser vassallos de Julio César Arana, proprietário da firma inglesa, e, se alguns destes indígenas não obedecessem, não somente eram castigados senão também como toda a sua família era punida, e poderiam ser tratados da forma que desejavam fazer com eles. Poderes que vão além do que qualquer sociedade republicana poderia imaginar. Foi essa opressão que despertou sua revolta contra o imperialismo inglês. Que igual ao do Putumayo, a sua Irlanda era tratada como vassallos selvagens, os seus patrícios irlandeses não eram livres dentro de seu território.



Vejam que antes de vir à Amazônia, Roger Casement somente sabia do regime de opressão do Rei Leopoldo da Bélgica através do sistema capitalista no Congo. Era uma forma parecida à escravatura do século XVII que, apesar de ter mudado a humanidade e transformado os valores éticos da sociedade moderna, continuava esse lastre infame nas periferias do terceiro mundo. Assim como o açúcar reviveu a escravatura nas colônias britânicas das Antilhas caribenhas, acreditamos que a borracha no Congo mudou a moral e os valores dos belgas. Roger Casement denunciou em seus relatórios o mundo civilizado e a opinião pública londrinense que condenou socialmente e culturalmente ao rei Leopoldo da Bélgica. Mas, agora Roger Casement encontra-se na Amazônia, esta vez são os ingleses que exploraram os aborígenes do Putumayo através de correrias a fim de torná-los prisioneiros. O intuito é utilizá-los para o trabalho escravo, corrompendo as instituições da sociedade amazonense a fim de aceitá-las social e culturalmente como acontecia nessa mesma época com a colônia irlandesa do império britânico. E essa perspectiva que nosso cônsul vê, e o que o faz revirar sua serventia para tornar-se um irlandês rebelde.

Todavia, questionar o império ao qual, de alguma forma ele pertencia, era difícil e até desagradável porque era quase uma vida como cidadão inglês, passaporte britânico, registro civil londrinense. Mas isto não exclui sua ascendência irlandesa, suas raízes celtas, sua solidariedade pelos seus patrícios dublinenses. No entanto, é difícil para um funcionário diplomático perceber, além da política exterior que o império tem imprimido em toda a estrutura interna da chancelaria inglesa, o que está escondido na conjuntura do colonialismo inglês que se arraiga desde o século XIII, e tem seu resplendor no século XIX e início do XX, na época da Era Vitoriana. Era desagradável refletir sobre isso quando toda sua vida profissional e círculo social pertencia ao mundo inglês. Compreender a luta da Irlanda, era abstrair-se desse mundo avassalador que dominava toda sua vida pessoal, sucumbindo-o e tornando-o plausível às ideias e o pensamento do império inglês. Contudo, no silêncio da Amazônia era propício para refletir sobre esse domínio britânico das suas colônias, inclusive na Irlanda como no Putumayo.

Quanto tempo foi necessário para que compreendesse sua nova visão e missão, da necessidade urgente de liberdade da Irlanda. Este novo olhar e sentimento surge forte e incomensurável nos territórios indígenas da região amazônica. Foi ver o sofrimento dos indígenas e barbadianos que a firma inglesa explorava para que o Cônsul Roger Casement se atrevesse a encarar, sem medo, o regime colonialista inglês e determinasse sua saída do British Foreign Office e ingressasse nas filas das milícias



celtas a favor da independência da Irlanda. Essa aversão pelo colonialismo inglês é a raiva de Roger Casement, vendo o drama de seu próprio povo no espelho do horror do povo uitoto. Após vinte anos sendo funcionário inglês e de ter sido útil para a coroa inglesa, denunciando os crimes do rei Leopoldo da Bélgica no Congo, como no relatório do horror da Casa Arana no Putumayo, o cônsul celta agora encara com valentia e digna de admiração a sua missão pela causa irlandesa. O que se pode dizer do intervalo de 1906 até 1912 é que foi o ano de sua demissão. Ou seja, a sua militância na milícia irlandesa já teria começado na Amazônia.

Há um livro escrito pelo cônsul Roger Casement que pode dar lampejos de sua conduta a favor da causa rebelde do celta (Casement, Roger. *Diário da Amazônia*. Edusp, São Paulo, 2016.) Evocar essas ações que já passaram há muito tempo, mas que tem sido registrado no diário do cônsul inglês na época e que, portanto, deveriam esses documentos escritos não ser explícitos, senão escondidos através do diário em que seus relatos não são simplesmente histórias explícitas de suas atividades senão que nelas mesmas estão implícitas suas ações pela causa irlandesa. A partir da leitura de seu diário, pode-se resgatar este giro no final da sua vida, acaso presentia o final ou entendia como uma oportunidade para redimir-se de tudo que até esse momento era a favor ou contra do seu país de origem. Que sabores sente ou não sente para despertar esse apetite por uma nova empresa de atitude, até ousada e descabelada nesse último quartel da sua vida.

A luta armada como causa ou missão a realizar com toda força e entrega, ao ponto de não lhe interessar as consequências por mais funestas que estas foram. Podemos dizer que apesar da sua escolha ser verdadeira, não por isso o destino lhe seria adverso. Não foi o ideal judeu cristão, nem muito menos o protestantismo britânico ou católico irlandês que o converteu a um militante da causa irlandesa. Pensamos que a sua inspiração parte da causa indígena do povo bora, de Kenatere, guerreiro indígena que tinha se revoltado contra a firma inglesa da casa Arana. Essa impressão é revelada num texto que compara a pequena vila irlandesa com a comunidade bora na Abissínia do Putumayo. Mas ele nunca tinha passado ou vivido a opressão do colonialismo inglês; primeiro, porque seu pai era um oficial do exército inglês; por outro lado, desde muito jovem ele tinha trabalhado fora da Grã Bretanha, talvez a única pessoa que orienta e ensina sobre a Irlanda é Alicia a qual conheceu quando já era famoso, em 1902. Portanto, a sua conversão não foi por experiência própria de ter sofrido o opróbrio dos ingleses sob os irlandeses, senão pela sua ótica de funcionário inglês investigando



violações e injustiças de empresas inglesas na Amazônia. Foi assim que reconheceu na firma inglesa Peruvian Company Ruber a ideologia e o espírito do império inglês com relação a seus vassallos indígenas que representava, para ele, o povo irlandês.

O mundo inglês contra o mundo dos despossuídos, dos oprimidos, dos perseguidos, dos injuriados, dos prisioneiros. Isso foi crescendo a cada dia que vivia na Amazônia, quando via aos indígenas, aos barbadianos, aos ribeirinhos, aos seringueiros, aos caucheiros, aos imigrantes. Pouco a pouco vai solidificando esta percepção de injustiça e opressão que no seu último relatório não é um relato das atrocidades da Casa Arana contra os indígenas boras e uitotos senão do império inglês contra os indígenas irlandeses. E se questiona quando aconteceu esse câmbio de espírito “irlandês”, quando despertou esse sonho louco, quando criou coragem de espírito indomável, quando lavrou um caráter guerreiro sem medo ao fracasso nem à morte, quando esculpiu um coração valente que se entregou por amor a seu povo?

No dia 31 de outubro de 1910, Roger Casement relata a história do guerreiro Katenere, no seu Diário Azul. Ele era considerado cacique, guerreiro dos boras, no Putumayo. Tornou-se líder dos índios boras e andoques contra a opressão e atrocidades do chefe da Estação de Matanzas do boliviano norte-americano Armando Normand. Katenere lutou incansavelmente contra a Casa Arana. Os boras e uitotos, após de muito abuso, chibatadas e cruéis castigos, por não cumprir com as quotas de goma que cada indígena deveria reportar ao capataz, Armando Normand mata à mulher de Katenere à frente da sua comunidade. Katenere, que havia trabalhado cortando borracha desde o início, jura vingar-se da morte de sua mulher. Seguindo com o propósito de revidar a morte da esposa e de seus parentes, em 1907 ceifa a vida de Bartolomé Zumaeta, cunhado de Julio César Arana, desde então o valente cacique se “se refugiou” na selva, como o fariam os guerrilheiros irlandeses. Mas os homens de Normand precisaram de reforço. O patrão Julio César Arana envia armas e “muchachos” (indígenas inimigos dos boras) para lutar contra os guerrilheiros de Katenere. Fazia três anos que o jovem cacique vinha realizando incursões em território Andokes e Bora, mas não teve êxito, finalmente o prenderam na Estação de Abissínia. Roger Casement irá fazer uma alegoria deste valente guerrilheiro bora na Estação Entre Ríos, com uma Íbis-sagrada que de repente desceu, enquanto eles almoçavam, provocando um grande tumulto entre o pessoal do capataz O`Donnell que correram atrás de suas armas, mas para desgosto de todos, Roger Casement a protegeu salvando-a a vida. “Minha posição está muito difícil. Oficialmente, estou aqui muito só; além disso, considerando a minha responsabilidade



oficial, é muito difícil e pesado manter-me distante de todos os problemas ou atritos com o governo peruano (ou inglês). Isso posso cumprir, mas a situação é extraordinariamente complexa, pois a qualquer momento posso ser colocado em uma disputa cujo fim não pode ser previsto por nenhum desses homens culpados; todos eles agora estão alertas. Sou “o inimigo”, porque é somente por mim e pelos homens de Barbados que eles temem que a verdade venha à luz... Venceremos, não apenas os Normands e os Macedos – seres desprezíveis –, mas todas as intrigas maiores em Iquitos, ou onde que estejam”. Roger Casement, *Diário Amazônia* (pág. 262), Londres 1910. Como diria, mais tarde, José Eustasio Rivera na *Vorágine*: “Antes que me hubiera apasionado por mujer alguna, jugué mi corazón al azar y me lo ganó la Violencia”.

Roger Casement, desejava e sentia, ardentemente, compaixão pelos índios do Putumayo, “adoraria armá-los, treiná-los e instruí-los a se defenderem contra esses bandidos. Ontem à noite eu disse a Tizòn que queria que este fosse território britânico durante apenas um ano; que prazer teria em colocar isso tudo a limpo com mais uns cem homens! Pobre rapaz (referindo-se a Katenere)! Ele concordou dizendo: “Ai de mim!” Mas seu governo é poderoso, e o meu não”. Ambos concordamos que teríamos grande prazer em enforcar muitos dos empregados da Companhia, se é necessário com nossas próprias mãos”. Roger Casement, *Diário Amazônia* (pág. 264), Londres 1910. “Eu estava esperando por um sinal; e ei-lo! Veio como a mais extraordinária afirmação. Estive imerso em dúvidas toda a tarde, sentindo que, para comprar agora o conforto dos negros, eu poderia estar vendendo o dos índios, ao mostrar as cartas que tenho nas mãos. Terminei o jantar com esse pensamento me atormentando... assim que me veio esse pensamento, olhei para acima da varanda na direção do céu e vi, para minha surpresa, um arco de luz cortando a escuridão do céu sem estrelas. Por um momento não soube que era, até que vi um arco-íris lunar, um perfeito arco de luz na noite (ou no fim da vida) ... curvando-se de montanha a montanha recoberta pelas matas e abarcando todo o céu do oriente, eis que a chuva começa a juntar-se sobre ele. O arco foi lentamente se dissipando, alargando-se e desaparecendo... Considero um bom presságio, presságio de paz e bom augúrio, sinal de que deus ainda está por aquelas bandas olhando para os pecados e crimes dos filhos dos homens, condenando o pecado e perdoando o pecador... Eles (os índios ou os irlandeses) também terão os seus direitos, mais tais direitos serão livremente concedidos, assegurados. Não serei eu um agente do silêncio; mas espero poder ser a voz da liberdade”. Roger Casement, *Diário Amazônia*, Londres 1910.



Notas

¹Professor do CESTB/UEA/TABATINGA, estudante doutorando do PPGSCA/UFAM/TABATINGA

Referencias

Casement, Roger; Singleton-Gates, Peter; Girodias, Maurice. *The Black Diaries*. Paris, Olympia Pres, 1959.

Casement Roger; Luisa Élvira Belaunde (tradutor). *Libro Azul Británico: Informes de Roger Casement y otras cartas sobre las atrocidades en el Putumayo*. Lima, IWGIA/CAAAP, 2012.

Casement, Roger; Bolfarine, Mariana et Izarra, Laura (tradutoras). *Diário da Amazônia de Roger Casement*. São Paulo, EDUSP, 2016.

Elias, Norbert. *Mozart: Sociologia de um Genio*. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 1994.

Pineda, Roberto Camacho; Páramo, Carlos Bonilla; Steiner, Claudia Sampedro. *El Paraíso del Diablo: Roger Casement y el informe del Putumayo, un siglo después*. Bogotá, Uniandes/Unal, 2014.